

O ISLAMISMO NA ÁFRICA E OS REINOS DO SUDÃO OCIDENTAL

META

O aluno deverá perceber as trocas culturais que ocorreram entre a Ásia e a África, e no interior do último continente, a importância do islamismo no continente africano, bem como dos estados sudaneses

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Identificar as estratégias utilizadas pelos islâmicos no processo de expansão do islamismo, relacionar a expansão do islamismo com o comércio transaariano e a formação dos estados sudaneses, apontar as principais características dos Reinos de Gana, Mali e Gaô.

PRÉ-REQUISITOS

O aluno deverá ter compreendido as fontes históricas que são utilizadas na confecção da história da África.



Mapa africano destacando a parte islâmica do continente.
(Fontes: <http://www.mundoeducacao.com.br>).

INTRODUÇÃO

A África foi palco de expansão das religiões monoteístas. Inicialmente o judaísmo que se expandiu utilizando as rotas cartaginesas. Em seguida o cristianismo que se alastrou utilizando mais o meio rural e foi mais freqüente na região da Núbia. Por fim, a terceira religião, o islamismo penetrou nas terras africanas. A expansão do Islamismo é um momento que podemos identificar trocas culturais entre três continentes, a Ásia, a África e a Europa. Neste texto veremos algumas características da expansão islâmica e de alguns reinos que conviveram com os islâmicos de forma muito próxima.



Foto de um muçumano de Máli, na Africa. A conversão de certos monarcas africanos, para o islamismo, fez não só o islã avançar como criou uma florescente cultura. Assim, Ca idade de Tumbuktu (no atual Máli) era, no século XIV, um núcleo urbano conhecido pelo alto nível de suas escolas islâmicas, que atraíam muçulmanos de várias partes do mundo. (Fonte: <http://www.aup.org>).

ISLAMISMO

O Islã começou a sua expansão na África no século VII, provavelmente a mesma foi iniciada no Egito. Isso ocorreu logo após a morte de Maomé. Várias foram as investidas na direção do Magrebe, e em um primeiro momento houve conflitos entre os muçulmanos e os berberes e também com os bizantinos. Aos poucos eles conseguiram converter os berberes que se tornaram importantíssimos no processo de expansão do islame. Nesta aula primeiro veremos a expansão islâmica, em seguida o Reino de Gana e suas características, em seguida o Reino de Mali e por fim o de Gaô.

O islamismo sempre é visto como uma “religião da espada”, mas segundo Oliver também foi uma religião que converteu seus féis de forma pacífica; pois nos acampamentos militares havia crianças e mulheres, esposas e concubinas, juntamente com os soldados e essas categorias viviam pacificamente e também por não ter empunhando a espada para cristãos e judeus.

A difusão islâmica ocorreu quando o *din Allah* era uma tradição oral, antes da organização do *Shari'a* e do Alcorão, o livro de Deus. No momento da expansão a religião passou a ter uma tradição escrita, os islâmicos se tornaram “povos do livro”. Na primeira metade do século VIII o árabe surgiu como uma língua culta e com isso a religião foi capaz de absorver um grande número de não-árabes. Outro fato que contribuiu na conversão foi a criação de escolas que difundiam a cultura islâmica e preparavam as pessoas para difundir, mestres-escolas ou juizes. O islamismo tornou-se uma religião sedutora para os agricultores e habitantes da cidade, e, sobretudo para negociantes e nômades, estes contribuíram de forma imensurável com a expansão, com a expansão alguns pontos foram modificados.

Inicialmente, a unidade política e religiosa foi mantida pelos quatro califas, após a morte de Maomé. No entanto, no decorrer do tempo surgiram divergências na forma de administrar os aspectos espirituais e temporais do islamismo e assim surgiram o xiismo, o carijismo e o sunismo. Também tiveram discordâncias das leis islâmicas e assim os hanafitas se separaram do hambalitas e os últimos dos maliquitas e xafitas. Aos poucos também foram surgindo centros independentes de poder, ou seja, que não eram subordinados ao califa, o sucessor de Maomé. Como resultado disso, no século X o califado se divide em três, o abássida, o omíada e o fatímida. No entanto, mesmo com as divergências e os vários grupos existente no interior do islamismo, o alcorão não foi modificado nem as cinco principais obrigações do islâmico. No mundo islâmico foram construídos hábitos comuns no cotidiano, dentre eles no modo de se vestir.

Para os islâmicos o mundo se dividia em duas partes, o *Dar-Al-Harb*, a casa da desobediência, da infidelidade e o *Dar-Al-Islam*, a casa da submissão e da obediência, espaço dos islâmicos. Na primeira parte, o *Dar-Al-Harb*, estava protegido, na condição de *dhimma*, os zoroastras, cristãos e judeus,

pois os mesmos possuíam religiões reveladas, mas imperfeitas, os demais eram considerados pagãos e por isso poderiam ser alvo da jihad. Quando o Islamismo também se tornou um povo do livro, os cristãos e judeus deixaram de ser alvo da jihad, a guerra santa. Esta era uma obrigação do crente e no Alcorão pontua que tem que combater e vencer as pessoas que não se convertem ao islamismo através da palavra. Os islâmicos acreditavam que através da jihad chegariam ao paraíso e conquistavam os bens da terra. Essa característica combativa da religião talvez tenha sido uma influência de Maomé, pois o mesmo antes de ser mercador foi um guerreiro.

O livro sagrado dos islâmicos, o alcorão, não condena a escravidão nem a incentivava. No entanto, o mesmo livro menciona que os escravos deveriam ser bem tratados e a escravidão muçulmana modificou o tratamento do escravo em algumas localidades. Por conta desse pensamento, o islamismo melhorou as condições de vida dos escravos na Arábia que eram vistos como meros semoventes e alguns deles eram africanos. Para o Islão, as pessoas nascem livres, por isso não podem tornar-se escravas através de dívidas ou por crimes. As possibilidades de alguém ser escravo para o mundo islâmico é ou nascer escravo ou se tornar através da jihad. O escravo que teria se transformado via jihad, teria sido salvo da sua vida pagã; e o seu senhor tinha obrigações com ele, o ajudaria nesse processo de purificação, a escravidão dos povos também era vista era como uma forma de reparar as vidas dos islâmicos que morreram na jihad. Mas, a jihad em um segundo momento também foi realizada com o intuito de capturar escravos e não somente de converter fiéis, pois a utilização de escravos e a venda dos mesmos era lucrativa.

Havia um comércio de escravos negros para a Arabia, incluindo mulheres para serem concubinas que era remoto. No entanto, na Arábia, no período de Maomé os negros possivelmente eram minoria entre os escravos. No entanto, com a ocupação do Egito e do norte da África cresceu o número de escravos negros. Utilizaram algumas rotas comerciais e mercados já existentes o reino da Núbia foi um dos que foi atacado pelos árabes e o resultado foi a escravização de inúmeros negros que tiveram como um dos destinos a escravização na Arábia.

A expansão do islamismo não ocorreu somente na África oriental, conforme foi citado anteriormente eles também se dirigiram para a África do Norte e para a região do Saara. Na última região, no Saara, a domesticação do camelo permitiu a realização de um comércio desde o início da era cristã e esse comércio era realizado pelos berberes, os povos semi-nômades do deserto. Após a conversão dos berberes ao islamismo, eles passaram de escravizados pelos árabes a escravizadores dos povos ao sul do Saara. Esses povos trabalhavam em Oasis e cultivavam tâmaras e cereais, esses produtos eram vendidos na África do Norte.

Os escravos trabalhavam em diversas ocupações, na agricultura como

foi mencionado; nas minas de ouro e na retirada dos blocos de sal, no transporte de mercadorias. Vários escravos também faziam parte das fileiras militares. As mulheres eram concubinas e ainda existiam os eunucos, escravos castrados. O eunuco era muito usado nos haréns, nos serviços domésticos. O islamismo proibia a fabricação de eunucos, mas não o seu uso, por isso, eles eram buscados em regiões não islâmicas.

O comércio transaariano consistia em várias rotas comerciais que ligavam um lado do continente ao outro, Marrocos, Argélia, Tunísia ao Egito. Os principais produtos desse comércio eram o ouro, o sal e o escravo. As caravanas que atravessavam o deserto eram compostas por centenas e até milhares de camelos. A rotina dessas viagens era a seguinte, os comerciantes saíam de madrugada e caminhavam até o calor ficar mais forte, nesse momento, organizava as tendas e os comerciantes descansavam até o anoitecer. Nesta ocasião se reorganizava os camelos e viajava até o momento que suportassem, o frio e o cansaço passavam a ser os obstáculos.

Alguns estados foram criados com a necessidade de alguns povos se defenderem dos berberes e assim não se tornarem escravos. No entanto, esses estados se organizaram e se fortaleceram o suficiente para escravizar e o vender esses escravos para os berberes. As rotas comerciais eram criadas em torno dos poços de água, e para a existência desse comércio também se fazia necessário os entrepostos. Nestes pontos os animais eram alimentados, os mercadores comercializavam, descansavam dentre outros elementos. Gaô foi um dos principais entrepostos desse comércio. Com a conversão dos berberes, boa parte desses entrepostos ficou controlada pelos islâmicos o que facilitou ainda mais a conversão de outros povos. Em torno desses entrepostos surgiram grandes reinos, como o de Gana, Mali e Gaô. Assim, há uma relação entre o comércio transaariano, a escravidão, a formação dos estados sudaneses e o islamismo.

GANÁ

O Reino de Gana, famoso pelo seu ouro e que posteriormente foi resgatado, homenageado e cedeu seu nome a um país africano, cuja região não corresponde de forma exata ao reino que trataremos aqui. O reino de Gana seria onde hoje é Koumbi Saleh, Mauritânia atualmente. Gana ficava localizada nas curvas do rio Senegal e Níger. Ficava entre uma zona de contato entre o Magrebe e o Sudão com produtos distintos e complementares.

Antes de entendermos as características do Reino, precisamos compreender a origem do mesmo. O camelo teve uma importância vital no processo de conquista do Saara, no deslocamento das populações que lá residiam e na expansão do comércio. Os sudaneses já criavam animais como o: o boi, o camelo, o carneiro desde aproximadamente 1.200 a.C. O clima era propício para a criação de animais e para a agricultura.

Na região que posteriormente se tornou Gana, as aldeias se organizam em torno da idade, em outras os habitantes mais antigos e mais novos, os primeiros detinham o poder sobre os últimos e o conselho de anciões resolvia os problemas. No entanto, nos momentos de ameaça um líder se colocava e depois saía do comando.

Havia uma relação de conflito e de cooperação entre os agricultores e os pastores, pois as atividades se complementam. As terras de agricultáveis, nos momentos de estiagem serviam para pastar o gado; todavia quando a estiagem era longa, os criadores demoravam a levar seus animais para os estepes e com isso havia conflitos.

Há uma hipótese que a unificação ocorreu como um meio de defesa dos agricultores nos conflitos com os pastores, ou ainda dos ataques de pilhagem dos povos semi-nômades, já que os últimos sempre levavam vantagens.

Ressalta-se que a intermediação no comércio fez com que algumas aldeias se tornassem grandes entrepostos e em seguida cidades. Nesse comércio era vendidos escravos, ouro, sal e depois o arroz.

A maioria das aldeias que formaram Gana era de origem Soninquê e por isso são considerados os verdadeiros fundadores de Gana. Deles descendem os saracolês, os dula, marcas dentre outros. Não se sabe a data precisa de formação de Gana, mas no século VIII, o reino já aparece em todos os relatos árabes.

Silva chama atenção de um debate que existe se Gana era o nome do reino ou do título. Ele acaba trabalhando com as duas possibilidades. A primeira dinastia de Gana é a dos Cissés e os mesmos eram negros. Anterior ao reino de Gana é a cidade de Audagost que existia desde o século VI.

CARACTERÍSTICAS POLÍTICAS

Primeiramente, Gana não possuía um estado centralizado. Havia um núcleo coeso de poder e as aldeias ou outras cidades. Algumas pessoas estavam ligadas ao caia-manga através de laços espirituais, militares e tributos. E nas aldeias, os chefes locais não perdiam a sua autoridade. A principal característica desse Reino é o fato do domínio do Gana não se fazer sobre as terras, mas sim entre as pessoas. Caia Maga significava senhor do ouro.

O rei tinha um conselho formado de grandes dignitários formados por antigos escravos. O rei tinha seus ministros, tesoureiro e além deles a cidade tinha um governador. O tesoureiro, alguns ministros e interpretes eram escolhidos entre os muçulmanos por razões técnicas e talvez para manter relações políticas harmoniosas. A existência de muçulmanos nos cargos mostra que os mesmos eram respeitados e que a relação era pacífica.

O cavalo estava ligado a pompa, ao luxo, nos cortejos reais, o Gana sempre aparecia em um cavalo e neste havia algumas pepitas de ouro. Outro símbolo de luxo e de diferenciação eram as roupas Gana vestia túnica, já os

súditos usavam roupas sem costura. O gana saía pela sua capital a cavalo e ouvia as queixas dos seus súditos e alguns tentava resolvê-los.

O rei atendia as pessoas sob um pátio e nas audiências as pessoas eram anunciadas através de um tambor denominado duba. Este instrumento também deveria ter algum significado religioso, pois a população que comungava da mesma religião do rei quando ouvia a tuba ficava de joelhos e jogava a areia na cabeça e os que muçulmanos aplaudem, essas são a maneira de saudar o rei.

Ressalta-se que a forma de sucessão do trono era a matrilinearidade, ou seja, o sobrinho mais velho, filho da sua irmã era o quem assumiria o trono e não o filho do rei. A matrilinearidade garantiria que o sucessor tivesse sempre o sangue real.

Gana era um reino militarizado, e as atividades militares consistiam em defender os reinos de Tacrur, Gaô e dos berberes. Os dois primeiros eram dois grandes reinos expansionistas. Na infantaria de Gana os arqueiros eram de extrema importância e se questiona se o cavalo era utilizado na Guerra. Pois se sabe que o mesmo era conhecido e usado na região, o debate gira em torno de quais eram as funções do cavalo.

AS ATIVIDADES ECONÔMICAS

Na economia, além do comércio transaariano, havia atividade manufatureira principalmente com o couro e o ferro além de retirarem o ouro. O ouro possuía em abundância, mas não tinha sal, trocava-se pelo mesmo valor do ouro e as vezes pelo dobro. Um dos pontos principais do reino eram os tributos, estes eram necessários para manter a corte. Pagava para entrar e sair no Reino, o mesmo era tributário, outra característica marcante. Cada burro que entrava com carregamento de sal pagava um dinar, uma moeda de ouro, e casa burro que saía com ouro pagava dois dinares. Uma estratégia para favorecer as importações. Um dinar correspondia a 4 gramas de ouro.

O rei tinha o monopólio do ouro, as pepitas, já o ouro em pó circulava na cidade e era moeda de troca. Os mercadores do Magrebe iam até as regiões das minas e levava tecidos de lã, algodão e seda; além de tâmaras e figos e trocavam com ouro em pó. Além do ouro em pó os mercadores também recebiam escravos, marfim e goma.

ALGUMAS CIDADES: AUDAGOST E KUMBI SALEH

Audagost era uma cidade comercial, com população majoritariamente berbere que ficava no norte do reino. Os achados arqueológicos mostram que a cidade passou por vários estragos e reconstruções. As casas possuíam uma área para o comércio. As construções chamaram a atenção de Al-Bakri,

pois eram bonitas e as casas charmosas. Havia pequenas mesquitas e uma mesquita catedral. O governador era negro e possuía um exército numeroso e utilizava cavalos e camelos. Aos redores da cidade havia plantações de pepinos, palmeiras e figueiras, e criavam de carneiros.

Durante algum tempo os pesquisadores buscavam informações sobre a capital de Gana, e a possível capital foi descoberta fruto de um trabalho de pesquisa arqueológica, com as tradições orais e uma confirmação através da descrição de Al-Bakri. Dessa maneira concluiu-se que Kumbi Saleh era a capital do reino, aonde o rei residia. Mauny foi um dos arqueólogos que escavou essa cidade. A arqueologia tem mostrado como eram grandes as casas da capital, algumas delas com dois pavimentos. A cidade tinha também dutos que eram responsáveis pelo abastecimento de água. Esses elementos mostram que a capital era uma cidade rica.

Segundo arqueologia e os relatos escritos, a capital era duas cidades ou dividida em duas partes, uma muçulmana onde residiam os comerciantes e a outra não muçulmana onde morava o Gana e seus súditos. A parte da cidade destinada aos muçulmanos ficava na planície, onde havia 12 mesquitas. Entre os muçulmanos havia negociantes, juristas, berberes dentre outros. Já a cidade real ficava umas seis milhas da muçulmana e era cercada por florestas onde sacerdotes viviam e também havia sepulturas. As duas cidades eram ligadas por uma avenida com casas de pedra. O palácio possuía algumas áreas com teto arredondado, ainda possuía esculturas, pinturas, e janelas de vidros. Kumbi Saleh tinha praças e avenidas.

ASPECTOS CULTURAIS E RELIGIOSOS

Religiosamente, o Gana não adotou o islamismo como religião oficial, pois o Gana continuou adepto das religiões tradicionais, também conhecidas como animistas. O principal culto era ao deus-serpente do Uagadu antepassados dos Cissés. Uma prova da não adesão ao Islamismo são os ritos de morte do Gana. Quando o mesmo falecia era feito uma cabana de madeira e todos os seus objetos eram colocados dentro, incluindo os escravos. Sobre tudo, os que exerciam a atividade de copeiro ou cozinheiro, ou seja, as pessoas que serviram o rei em vida. Essa prática poderia ser religiosa, mas também segurança contra envenenamentos. Outra possibilidade de interpretação dessa prática é a crença na pós-morte. Depois as pessoas jogavam areia na cabana, formando uma pequena colina. Os sacerdotes viviam em uma floresta que circulava a cidade real, em Kumbi Saleh, a possível capital.

O islamismo era a segunda grande religião do reino. Uma parte da capital era habitada por islâmicos, onde possuía cerca de 12 mesquitas e na cidade real também havia uma mesquita para os islâmicos que lá trabalhavam. Conforme foi mencionado havia uma tolerância em relação ao islamismo.

Al-Bakri chama atenção da beleza das mulheres de Gana e que pos-

suíam quadris largos. Além disso, eram boas cozinheiras.

DECLÍNIO DE GANA

Os berberes praticavam um islamismo mais maleável, cumpriam a peregrinação a Meca mais por motivos políticos que religiosos.

Yahia Ibne Ibrahim fez uma peregrinação a Meca e veio adepto de um islamismo rigoroso. Tentou fazer uma reforma entre os judalas e teve o apoio de Abdula ibne Yasin que começou a pregar esse islamismo mais rígido. Os judalas se rebelaram e após a morte de Yahia Ibne Ibrahim, Yasin se refugiou em uma ilha na costa Atlântica com alguns seguidores, esses passaram a se chamar almorávidas. Retornou para os judalas quando começou uma jihad, e aos poucos foram conquistando os povos como os judalas e os massufas e esse fato foi responsável por alterações na divisa norte do Reino, os limites do reino eram a oeste rio Senegal e Tacrur, a leste o Níger, Ao norte Audagoste ao sul Bambuk. O exército de Gana resistiu, mas não conseguiu por muito tempo. Kumbi foi conquistada e saqueada, as cidades meridionais também não foram muito fieis. Os almorávidas tomam o poder, todavia o gana se manteve mediante o pagamento de tributos. Somente no século XI, após muitos o falecimento de Yussuf, líder dos almorávidas, que Gana conquistou a sua independência. No entanto nesse momento, os reinos que eram subalternos foram conquistando suas independências.

Paralelamente a essa crise em Gana, ocorre o desenvolvimento de Mali que vai iniciar a sua expansão em direção a oeste e tomando terras que anteriormente eram de Gana. Ressalto que após o declínio de Gana outros reinos disputam o papel de Gana no comercio.

REINO DE MALI

Na origem de Mali é possível perceber uma articulação de vários povos com ocupações distintas. Os Barqueiros, provavelmente os sorcos, foram competentes na conquista do Níger e suas comunidades ribeirinhas, a dos agricultores (das ou dôs) e os caçadores (gôs). A união desses três grupos segundo a lenda faz surgir os Songai e ficaram sob o poder Fará Maca Botê. Esse povo provavelmente vivia em Cuquia, região fronteira com o deserto, e por isso região de conflito com os berberes. E esse foi um dos estímulos para a centralização ainda maior do poder. Esse momento marca o momento da chegada dos Zás ao poder. Segundo a memória dois irmãos de origem árabe teriam matado um dragão fluvial e por isso um deles, o Zá Alaiamâ se transformou no chefe. Existem outras versões que elucidam a chegada dessa dinastia no poder. Todavia, Silva acha mais provável o fato dessa memória narrar a mudança de famílias no poder, ambos os clãs fariam parte dos sorcos.

A chegada da dinastia Zá ao poder, nos séculos VIII e IX coincide com

o período que Gaô se estabelece como importante entreposto comercial do Saara. Mercadorias de todas as regiões passavam em Gaô. Com isso, a corte se transferiu de Cuquia para Gaô, pois tinham o intuito de controlar de maneira mais eficaz o comércio. Cuquia fica sendo o lugar que ocorria a passagem de poder.

No século XI, Gaô, como a capital de Gana, eram duas cidades, na margem esquerda residiam os mercadores, e dentre eles muitos muçulmanos e na margem direita vivia a dinastia do Zá. Segundo Silva, possivelmente o Zá vivia semi-recluso no seu palácio e assim como a nobreza, ele também usava turbante e túnica, um turbante próximo ao dos tuaregues, já o restante da população usava apenas tangas para cobrir o corpo. Nesse século há a passagem das pirogas, meio de transporte que era utilizado no comércio para os camelos e cavalos.

Outra modificação no comércio foi a conversão de vários comerciantes e de uma classe dirigente ao islamismo; alguns se converteram de fato enquanto que outros apenas de forma aparente para conseguir melhores rendimentos no comércio. E nesse contexto o Zá Cóssoi, o décimo quinto da dinastia, também se converte. Segundo os relatos uma conversão de fato, mas alguns dos seus sucessores tiveram uma conversão aparente e por isso mantiveram seus ritos e crenças. Os reis de Gaô, provavelmente, foram os primeiros reis negros islamitas. A arqueologia apresenta dados que corroboram com essa informação, pois encontraram estrelas de Davi nos túmulos de vários reis de Gaô entre o período de 1100 e 1265.

O aumento do comércio a necessidade de proteger o ouro e as rotas de comércio fez com que todos os vilarejos na região do Níger se submetessem ao poder de um único líder, esse era político e religioso, o mansa, Segundo Silva senhor da terra e da chuva, intermediador entre a sua gente e o divino. Lembremos que os séculos XI e XII são marcados pela ascensão de Tacrur e o declínio de Gana.

Mali possuiu diversos chefes e muitos deles pertenciam a clãs distintos dentre eles os Maliquês, os Queita dentre outros. Os Queita eram caçadores e foram absorvidos pelo exército do mansa. Quando os sossos fizeram uma empreitada sobre os maliquês o mansa Keita era Faré Famagã. Mussa Keita foi mansa do Mali e era islâmico, fez várias peregrinações a Meca e era poligâmico. Uma das suas esposas era Sogolon Konté, conhecida como Kediugu, a feia, ou ainda Kuduma, a que possui tumores no corpo. Essa mulher teve um filho que o chamou de Sundiata. Conta as lendas que Sundiata não caminhou até os sete anos pois o mesmo era enfermo. Sundiata também era conhecido como Mari Djata que significa Leão do Mali. No ataque dos sossos, quase todos os filhos do Keita faleceram a mando de Sumaoro, senhor dos Sossos, um dos que escaparam foi Sundiata.

Seu irmão Dancarã-Tuma herdou o trono e Sundiata já curado se retirou para um estado soniquê, no delta interior do Níger, pois seu irmão tinha o receio que Sundiata tomasse o seu poder. No delta ele se destacou

como soldado. Por isso, quando seu irmão foi morto pelos sossos, o povo o convoca, além do fato dele ser o único do clã sobrevivente. No período de conflito, Sundiata reúne vários clãs malinquês sobre o seu poder contra os sossos e organiza um poderoso exercito. Após a vitória consagraram Sundiata como o rei dos reis, cada clã continuaria possuindo o seu mansa, o seu chefe, e tendo o seu poder local. Após vencer o exercito dos sossos, Sundiata tornou-se o mansa de um vasto território. A capital tornou-se Niani e em seguida ele conquistou antigas províncias que pertencia a Gana como Tecur e Dyara. Também expandiu seu poderio para o baixo-Senegal e para ocidente chegando a algumas as minas de ouro. Mali era essencialmente agrícola, mas Sundiata introduziu rebanhos e a cultura de algodão.

Sundiata determinou o papel de cada um dos grupos que se anexou sob o seu poder. No total eram 30 clãs, cinco de artesãos, quatro de guerreiros, 16 de homens livres chamados de escravos da coletividade e cinco de marabus. Os chamados livres deveriam fornecer guerreiros no caso das guerras. Os conflitos fizeram aumentar o número de escravos que ocupavam nas diversas ocupações e que praticavam nos seus casamentos a endogamia, só podiam casar fora do grupo com a autorização do Mansa.

Com a morte de Sundiata, assume o trono seu filho, o Mansa Uli que fez a peregrinação a Meca. Ele permitiu que alguns generais se tornassem grandes dignitários e que tivessem o poder de recolher alimentos e armas como tributos nas províncias conquistadas; dentre esses generais estava Siriman Keita.

Ressalta-se que há autores que defendem que Sundiata não era um islâmico de fato, que ele teria continuado fiel as práticas religiosas do seu povo, apesar dos Maliquês já conhecerem o islamismo a mais de 100 anos. No entanto, se discute quais foram as verdadeiras motivações de Uli ter ido a Meca se foi motivação religiosa ou uma forma de estabelecer alianças políticas. No reinado de Uli, Gaô foi submetida a Mali, além dessa, Tombuctu e Jenné também foram subordinadas.

Sacura foi outro mansa que conseguiu expandir os limites de Mali, ele visitou o Cairo e foi assassinado na volta. Com isso, o poder retorna a família de Sundiata.

Outro mansa muito citado foi Mansa Musa, este fez uma viagem ao Egito e a Meca e com isso se tornou muito conhecido. Seu intento nessa viagem foi impressionar os árabes. A peregrinação foi planejada, pois ele levou consigo aproximadamente 500 escravos e cada um deles entrou no Cairo com um bastão de ouro. E enviou um presente ao sultão que correspondia a 50 mil dinares de ouro. Além do sultão também presenteou os oficiais do Cairo. Para conseguir tamanha quantidade de ouro ele elevou os impostos em Mali.

No Cairo, os mandingas compraram vários produtos inflacionados por conta do ouro, houve um derrame de ouro e este passou por uma desvalorização. Mansa Musa também fez várias compras e alguns comerciantes retornaram com ele a Mali para pegar o dinheiro devido. O retorno de Mansa

Musa foi feito por Gadamés e Mansa Musa levou um poeta-arquiteto de Granada, Abu Issak. O estilo desse arquiteto era as construções do Sahel.

Mansa Musa marca o apogeu do Mali e quando Mali se tornou conhecido dos europeus e pelos árabes. Musa era rei de um grande reino, todavia, ele não possuía os recursos que ostentava. A região tinha um importante comércio, mas os resultados não chegavam a população, o Mansa Musa gastava o dinheiro com escravos, ouro e tecidos de luxo. As cidades e aldeias de Mali eram simples, diferentemente de Gana. A população vivia em casas ou casebres de barro socado e o comércio que chegava até eles era o de gêneros alimentícios como o sorgo, o arroz, o milhete, o peixe seco dentre outros. A capital só se diferenciava das demais cidades pelo palácio, também feito de barro socado e pelo grande número de muçulmanos e por isso as pessoas andavam vestidas, de túnicas e tumbantes, no restante do reino era uma religião da nobreza e de comerciantes, o restante da população continuava a sacrificar animais e a vestir tangas.

Com o uso das roupas dos islâmicos se fez necessário uma indústria de tecelagem. Algumas tecnologias árabes foram incorporadas a Mali, além da tecelagem, o uso da sela e o estribo. Os últimos revolucionaram as guerras; a cavalaria juntamente com os arqueiros deram supremacia ao exército de Mali.

Musa percebeu o isolamento de Mali ao mundo muçulmano e por isso tratou de estabelecer alianças com o Cairo, Fez e outras localidades muçulmanas. Atraiu arquitetos para fazer grandes construções no reino de Mali nas cidades de Tombuctu, a mesquita Djinger-Ber e Jenné. Tombuctu vai se estabelecer como cidade do comércio transaariano e Jenné como centro produtor e armazenador de produtos agropecuários e como local de comércio da savana, com a floresta e o cerrado. Ou seja, ambas se completavam.



Mesquita Djinger-Ber (Fonte: <http://www.ricardocosta.com>).

ASPECTOS CULTURAIS E RELIGIOSOS

A religião do Mali aparentemente era semelhante a de outros reinos da África Ocidental até Monomotapa. Os príncipes não seguiam todas as regras do islamismo, como por exemplo, a de não casar com mais de quatro mulheres, mesmo os príncipes sábios quebravam algumas regras do islamismo.

Alguns dos reis fizeram a peregrinação a Meca, como Mansa Musa ou Mansa Uli. Depois de Musa, Sulaimã foi outro mansa que teve como propósito difundir o islamismo. As festas do Ramadão e de Tabaski eram realizadas com grande pompa. Havia a presença de um intérprete que traduzia o sermão para a língua malinquê. Os pregões sempre mencionavam a obediência ao rei. A casa do imã, uma autoridade religiosa do islamismo, era impenetrável, mesmo quando havia facínoras. Para ir a mesquita teria que ir cedo, pois muitas pessoas se dirigiam para a mesma; o que tornava a mesma concorrida. Os pretos do Mali vestiam-se de branco na sexta-feira e com o intuito que as crianças aprendessem o alcorão prendia as mesmas a ferros. Todavia, os moradores do Mali comiam carnes que os islâmicos defendiam ser impuras. E os sacerdotes, dielis, praticavam ritos animistas na Corte e lá tinham carneiros para retirar o mal olhado.

Os grupos que mais praticavam os ritos islâmicos eram os comerciantes, dentre eles os saracolês e os diúlas que conheceram o islão antes que outros grupos do Mali. Os saracolês contribuíram com a expansão do islã através do comércio, incluindo em outros reinos como o dos hauças. E, ajudaram a integração do Mali.

Havia uma numerosa corte, inúmeros escravos servindo o rei cerca de 300, além dos pajens que muitas era oriundos de outras localidades. Várias pessoas auxiliavam o mansa na corte dentre elas um tradutor, um secretário, um cádi, além dos dignitários.

Havia festas na corte com presença de música, com guitarras, tambores e trompas para diverti-los. E em algumas ocasiões existiam danças.

CARACTERÍSTICAS POLÍTICAS

O Império de Mali tinha uma área extensa que incluía cerca de 400 cidades e vila. Para administrar essas inúmeras localidades, os reis adotaram um sistema descentralizado. Havia uma administração direta subordinada ao rei, que estava presente em várias partes, e além dela havia uma indireta. Quando a cidade ou aldeia ocupava um lugar estratégico o poder era feito de maneira direta. O reino estava dividido em províncias, administradas por um farba, e essas províncias se dividiam nos conselhos (kafo) e nas aldeias (dugu). A aldeia muitas vezes tinha dois líderes um religioso e um político. O farba era muitas vezes um ministro que fiscalizava os chefes

locais, cuidava que os interesses do mansa fossem atendidos. Verificava os tributos e em caso de guerra, recrutava soldados. Também havia reinos subordinados que reconheciam o mando do mansa, mas que apenas mandavam presentes para o rei.



Mapa da extensão de Mali (Fonte: <http://www.ricardocosta.com>).

Apenas o mansa podia comprar cavalos, pois dessa forma impediria de ser formado outro exército em Mali. Os chefes dos estados vassalados tinham que dar presentes ao mansa com o intuito de conseguir cavalos.

O mansa era tido como um ser que estava acima dos súditos e por isso não falava em público, precisava de um dieli, uma espécie de interprete que repetia em voz alta. Os islâmicos eram julgados segundo as leis islâmicas e os demais segundo as leis animistas. O poder do mansa era pessoal.

A hierarquia social era extremamente complexa, no topo o mansa, em seguida, a sua linhagem, em seguida o clã dos queitas, em seguida, a nação mandinga e posteriormente todas as outras. Saliento que o poder não era centralizado em Mali como também não era em Gana. E, Mali também foi um estado militarizado e tributário.

CARACTERÍSTICAS ECONÔMICAS

O rei recolhia impostos sobre os rebanhos e as colheitas, também arrecadava tributos incluindo os aduaneiros; além da requisição de pepitas de ouro. Lembrando que o reino era fundamental nas rotas transarianas,

pois dava segurança aos comerciantes e o reino enriquecia com o comércio, além dos produtos que recebiam, como marfim, cocos dentre outros. Novas rotas foram criadas no período do apogeu de Mali. O pagamento dos produtos não ocorria apenas através de dinares, mas também através de ouro em pó, cauris, sal e as trocas de produtos.

DECLÍNIO

Mali foi um reino que conseguiu submeter povos muitos variados como os songai, os berberes, tuaregues, volofos, malinques. O sucesso desse reino estava no respeito as religiões animistas e ao islamismo que não realizou a guerra santa e na forma de administração descentralizada e que por isso permitia uma certa autonomia aos chefes locais.

O declínio de Mali foi bastante longo. Os povos que faziam parte desse reino foram rompendo aos poucos com o Mandi-mansa. No século XV, Mali era um estado vassalo de Gaô , um outro estado sudanês.

GAÔ, O REINO DOS SONGAI

Gaô foi um estado localizado nas margens do rio Níger e que conseguiu colocar sob o seu domínio por parte do Sudão Ocidental. Para estudá-lo, os historiadores utilizaram dois tarikh 's de Tombuctu e fontes europeias e árabes.



Mapa de Gaô Máxima extensão do Império dos Songai (século XVI)

O período anterior a Sunni Ali Ber (1464-1492) pouco se sabe, pois as fontes são raras, mais que respostas temos perguntas.

O Reino de Gaô devido à localização se tornou um importante entreposto comercial, pois era ponto de passagem do Egito para o atlântico dentre outras rotas. Quem dirigia esse reino era o Dia ou Za, um grupo formado da miscigenação dos Songhai com os berberes. Um evento importante foi a conversão no século XI, do Dia Cossoy ao islamismo. No entanto, o povo continuou fiel as suas práticas religiosas.

No século XIII, os mandinga conquistaram Gaô. E Mansa Musa quando retornou do Cairo construiu uma Mesquita e fez algumas reformas na cidade de Gaô que a transformou numa bela cidade e importante ponto comercial. No século XIV Gaô tornou-se independente. E a nova dinastia que assumiu foram os Sunni, provenientes de Cuquia. Eles eram guerreiros e começaram a expandir o território para leste em direção a Mali, e conquistaram aldeias que forneciam escravos para o Mansa dentre outros locais. Com Sunni Ali Ber os Songhai atingiram o seu apogeu. Um aspecto importante é quando um rei chegava ao poder em Gaô recebia um selo, o alcorão e uma espada.

Sunni Ali Ber que governou no final do século XV mudou o tipo de política adotado de pilhagem modificou para a territorial. Ele possuía sob o seu poder um experiente e grande exército, composto por barcos e infantaria, esta aumentava na medida que iam vencendo, pois os soldados vencidos eram incorporados ao exército. O próprio Sunni Ali Ber ia às expedições, ele era conhecido como um mágico e recebeu o título de daali. Conquistou as importantes cidades de Djenné e Tombuctu. Seu reino ia desde a região de Dendi a Macina e organizou segundo o modelo mandem. Ele criou um estado centralizado, patriarcal, consuetudinário.

Sunni Ali Ber teve dificuldades com a aristocracia muçulmana, sobretudo em Tombuctu. O rei ainda tinha os costumes religiosos do seu povo, por conta disso, os ulemás se aliaram aos tuaregues para confrontar com Sunni Ali Ber.

Após a morte de Sunni Ali Ber, a dinastia dos Askya assumiu o poder em Songhai. No entanto, antes desse episódio, houve uma guerra civil para lutar pelo trono.

ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E ADMINISTRATIVA

Inicialmente se faz mister salientar que o reino de Gaô ou Songhai era centralizado, diferentemente de Gana e Mali.

A base da monarquia de Songhai estava pautada em valores islâmicos e consuetudinários. Segundo o primeiro, o rei tinha que governar segundo as idéias pontuadas no Corão, já para o segundo, o toi(rei) era responsável pelo povo, com poderes semi-sagrados, por isso detinha poderes sobre a fecundidade, a prosperidade e as pessoas deveriam venerá-lo.

Cada rei ia se aproximava mais de um ou do outro valor, dependendo da personalidade do governante. No entanto, a maioria dos reis seguiu os preceitos consuetudinários.

O monarca residia em Gaô com uma grande corte, denominada de sunna, nesta havia pessoas da família do rei, grandes dignitários e griots. Ressalta-se que também existiam inúmeros eunucos que realizavam as tarefas domésticas. Os escravos eram coordenados pelo hu hokoroy koy, um mordomo.

Teoricamente com a morte do rei assumia o trono o irmão mais velho, mas na prática, a sucessão era por força.

O governo era formado por ministros e conselheiros, ambos podiam ser demitidos pelo askiya, e eram extremamente hierarquizados segundo a função. Havia um governo central exercido pelos askiya e o das províncias.

GOVERNO CENTRAL

Em Songhai havia dois tipos de governo, o central e o das províncias. O tipo de governo adotado dependeria do território em pauta. Estava sob o poder do governo central as províncias conquistadas e cujos chefes podiam ser demitidos pelo askiya. Esses chefes só não respondiam pela justiça, pois essa era função dos cádis.

No primeiro tipo de governo, o central, havia uma espécie de conselho imperial que era formado por todos os funcionários do governo. Eles discutiam sobre os problemas do império e um secretário chanceler cuidava da burocracia do conselho. Os tarikh's fornecem pistas sobre as funções dos outros funcionários que também eram grandes dignitários. Os principais eram:

* Hi-Koy era o senhor das águas, por isso cuidava das flotilhas. A importância da sua função era devida o valor imensurável do Níger. – Era um ministro do interior e por isso dirigia os governadores da província. Era o mais alto dignitário da corte Songhai.

* Fari Mondzo era o ministro da agricultura, por isso dirigia as várias propriedades, que eram grandes fontes de renda. Essa função geralmente era exercida pelo príncipe herdeiro. Cabia ao Fari Mondzo ainda resolver os confrontos provenientes da terra.

* Kalissa Farma era o ministro das finanças. As fontes não revelam muitos dados sobre o seu papel. O rei e o seu reino eram muito ricos e provavelmente cabia a função citada cuidar da tesouraria e das despesas do soberano. Ele tinha como auxiliares o waney farma senhor dos bens e o doy farma chefe das compras.

Por fim, o Balama que tinha funções militares, em tempos remotos foi o chefe do exército. Quem desempenhava essa função era um príncipe de sangue.

Provavelmente, havia outros departamentos em Gaô; pois a administração da mesma era hierarquizada e dividida.

O GOVERNO DAS PROVÍNCIAS E O INDIRETO

O segundo tipo de governo era o das províncias, cujo governador era o Fari, este título é uma herança da época de Mali. Havia duas grandes províncias: Kurmina a oeste e Dendi a leste. O kurmina fari era o segundo homem do império e tinha sob o seu poder cerca de quatro mil homens. Muitas vezes o príncipe herdeiro foi designado para essa função.

Tombuctu e as grandes cidades tinham certa autonomia e possuía vários cargos além do chefe e do cádis, esses cargos eram para administrar o comércio dentre outras atividades. Por isso, havia ainda a administração indireta que acontecia nas localidades que eram vassalãs de Songay. A nomeação dos chefes nessas localidades era segundo as suas tradições, o askiya só intervinha nos momentos de conflito. Kano, Mali foram alguns dessas localidades. Ressaltando que as mesmas tinham que pagar tributos a Gaô e enviar guerreiros. Mantendo boas relações com Gaô através de visitas, casamentos e presentes.

Através do governo central e das províncias, o direito e o indireto, o Império de Gaô conseguiu colocar sob o seu poder vários povos que habitavam o Sudão nigeriano.

OUTRAS INSTITUIÇÕES DO ESTADO DE GAÔ

Exército era uma das grandes instituições do estado em pauta. A nobreza era responsável pelas funções militares. Havia uma cavalaria que era composta por uma elite privilegiada por conta dos altos preços dos cavalos. O maior contingente de escravos ficava na infantaria que possuía homens de todos os segmentos sociais. Utilizavam como armas: flechas, lanças, escudos e possuíam várias pirogas que podiam entrar em cena em um momento de conflito. O exército chegou a ter mais de trinta mil homens.

Para manter um exército desse porte se fazia necessário recursos financeiros. Estes eram conseguidos através dos impostos coletados no império. Ressalta-se que havia impostos diferenciados: sobre as colheitas, sobre as propriedades, sobre a pesca, o gado dentre outros. Um ponto importante era a existência do Zakat, um o dízimo coletado para ser repassado para os pobres. Enfim, o soberano tinha uma série de rendas e que podia gastar como bem quisesse, com a sua corte, para restaurar mesquitas e sustento dos pobres.

A justiça era um privilégio do rei e por isso ele nomeava pessoas para ser responsáveis por esse setor. A Justiça podia ser consuetudinária e muçulmana.

No caso da primeira, o cádi era o juiz, cargo vitalício e era inspirado no direito maliquita, ensinado nas universidades sudanesas. O cádi julgava

os casos criminais, comerciais e não era possível recorrer de uma sentença.

A justiça consuetudinária era majoritária no reino, e mesmo nas grandes cidades, vários conflitos eram resolvidos pelo chefe da família ou do grupo étnico. Esse tipo de justiça instituiu um tribunal do adultério, devido a ser um fato comum no reino.

ATIVIDADES ECONÔMICAS

A economia estava centrada em dois eixos, um urbano e o outro rural. Sobre o último as fontes revelam poucas informações. No entanto, sabemos que eles já adubavam a terra e que a região ribeirinha do Níger era a mais povoada por conta da criação de animais, da pesca e da agricultura. Havia propriedades, inclusive do rei, nas margens do Níger, que trabalhavam inúmeros escravos.

No setor urbano, a base da economia era o comércio. As cidades eram grandes centros do comércio transaariano e tinham contato com as cidades do Mediterrâneo e com o Egito. Alguns comerciantes tinham uma frota de pirogas no Níger, além dos camelos. Muitos artigos eram importados e exportados, dentre eles, tecidos, armas, cavalos, sal, noz-de-cola, ouro, sal. Os dois últimos, conforme já foi citado anteriormente, eram as molas mestres do comércio.

Ressalta-se que o comércio contribuiu para o enriquecimento das cidades, e para condições de vida favoráveis no campo. E melhorias na vestimenta, como o uso da túnica, dos chinelos, os babush e residências confortáveis.

A ESTRUTURA SOCIAL E AS SOCIEDADES URBANA E RURAL

A base da sociedade era a família e essas ficavam agrupadas nos clãs. Os clãs mais antigos eram os Soninquês que se subdividiram em Turé, Sylla, tunkara, os cisse, os Diakite, os drame e os diwara. O povo songai era fruto de uma miscigenação de soninquês com os berberes, Manden, Haussa dentre outros. Lembrando que os soninquês eram a base do reino de Gana.

A característica essencial dos songhai era a hierarquia, que dividia a população em nobreza, homens livres, membros de castas de ofício e escravos. Na região que se localizava Gaô, o Sudão, a nobreza se dedicava apenas a administração e a guerra, esses elementos o distinguia dos demais grupos. Os escravos desempenhavam diversas funções desde domésticas as militares.

No mundo rural também havia castas de ofícios, a dos ferreiros, dos carpinteiros ou ainda dos ceramistas. Não há notícias de revoltas no campo e os impostos solicitados, mesmo aos escravos, não deveria ser alto.

O comércio contribuiu para a formação de grandes centros comerciais, dentre esses se destacavam Tombuctu, Djenné, Tendirma, Bamba além de Gaô. Nas cidades não havia muralhas, o comércio era livre, tinham algumas tendas e cabanas dos comerciantes que eram nômades nos subúrbios das cidades. Já no centro, as casas eram de alvenaria, algumas com dois andares. Nas cidades era possível visualizar comerciantes, artesãos e religiosos. Os primeiros eram majoritariamente estrangeiros.

Tombuctu em um primeiro momento fez parte do reino de Mali, e em 1468, quando foi conquistada por Sunni Ali Ber quando se integrou ao reino de Gaô. No século XVI essa cidade tinha em torno de 80 mil habitantes e era uma espécie de capital econômica do reino, além de ser considerada sagrada em todo o Sudão e por fim conhecida pelos sábios e pela universidade que lá existia. Outra cidade citada foi Djenné que se localizava em uma ilha no delta, e era ligada a Tombuctu tanto pelos aspectos econômicos como pelos religiosos. Tinha entre 30 a 40 mil habitantes, e uma Mesquita descrita pelos viajantes como muito graciosa. Por fim, Gaô era mais antiga que as anteriores, era a capital política, possuía no século XV cerca de 100 mil pessoas, possuía uma localização estratégica, boa parte das rotas passavam pela cidade citada. Assim, nessas cidades circulavam pessoas, mercadorias e saberes. As trocas não se resumiam as comerciais, elas ocorriam também no campo cultural.

ASPECTOS CULTURAIS E RELIGIOSOS

O islamismo no Sudão ocidental foi aderido de fato por alguns e por outros de maneira relativa. No entanto, a maioria dos Songais continuaram ligados a religião dos ancestrais.

Os songai cultuavam os hole e os espíritos da natureza da região, esses poderiam favorecê-los. Várias eram as divindades e dentre elas estava o Harake Dikko e Dongo, o primeiro do rio e o segundo do trovão. O primeiro deveria ser popular na região, pois o rio Níger banhava parte do reino de Gaô. Havia ainda os curandeiros, os sonyanke, conhecidos como descendentes dos Sunni. As pessoas respeitavam os mesmos e acreditavam que eles protegiam a população dos espíritos ruins e dos feiticeiros, os tierkei. Os chefes dos clãs faziam um culto aos mortos. Assim, as religiões animistas continuaram vivas no campo. Enfatizo que o campo continuou majoritariamente ligado as religiões animistas, enquanto que o islamismo foi mais presente nas cidades.

O islamismo foi uma religião urbana e aristocrática, que sofreu adaptações e era tolerante com outras religiões, assim era um islamismo negro-africano. Teve alguns reis de Gaô que contribuíram para a expansão, bem como alguns intelectuais do Islão e por fim os comerciantes. Nas cidades havia mesquitas, imã, cádis, cemitérios e escolas.

O islamismo foi responsável por um desenvolvimento intelectual acentuado da África nos séculos XV e XVI. Nos séculos XIV e XV foram criadas universidades em Fez e no Cairo. Os lucros oriundos do comércio possibilitaram o surgimento de um grupo de letrados e atraiu os mesmos para as cidades sudanesas. Em Tombuctu havia cerca de 124 escolas corânicas que eram freqüentadas por milhares de alunos de diversas localidades. E a universidade era formada por várias escolas independentes e uma delas era a Mesquita de Sankoré.

Havia dois níveis de ensino, o elementar que ocorria através das chamadas escolas corânicas, onde aprendiam a ler e recitar o alcorão; e o nível superior que acontecia nas universidades aonde eles aprendiam a ciência islâmica. A universidade sudanesa ensinava o curso de humanidades, neste ministrava o direito maliquita, as tradições, gramática, retórica, lógica, astrologia, história, geografia dentre outros. Os conhecimentos matemáticos eram ensinados mas não deveriam ser aprofundados. Os professores da universidade eram sudaneses e sarianos e a especialidades dos mesmos era o direito maliquita. Por conta dessa vida intelectual intensa, os árabes deram uma e grande contribuição a história e a geografia africana.

CONCLUSÃO

A religião islâmica contribuiu para que houvesse trocas culturais que envolveram três continentes, a África, a Arábia e a Europa. E a expansão islâmica está associada ao comércio transaariano e seus produtos, ouro, sal e escravo; e a formação dos estados sudaneses. A curva do rio Níger viu florescer grandes reinos estruturados, com características peculiares e que também receberam uma influência do Islão.



RESUMO

O islamismo utilizou várias estratégias para a expansão no continente africano, dentre elas as rotas comerciais, a jihad e a implantação de escolas e universidades. Essa religião foi mais freqüente no meio urbano que rural, pois lá circulavam os comerciantes. As rotas comerciais no Saara são anteriores a entrada dos islâmicos, mas com a entrada dos árabes e a conversão dos berberes o volume comercial aumentou. As distâncias percorridas nessas rotas eram grandes e por isso se fazia necessário os entrepostos comerciais que eram locais seguros e que forneciam uma estrutura para os viajantes, local para repouso, venda de produtos dentre outros. Para os que não se convertiam através da palavra era utilizada a jihad e por isso muitos povos formaram estados para se defenderem de uma escravização. Esses estados eram militarizados e, além disso, também eram tributários. Ou seja, se beneficiavam com as rotas comerciais. Gana, Mali e Gaô foram alguns desses reinos e tiveram o seu apogeu em momentos distintos. Entre eles havia algumas semelhanças e distinções, no campo político-administrativo, religioso e econômico. Por fim, o islamismo nessa região da África conviveu com outras práticas religiosas, chamadas por alguns intelectuais de animistas.



ATIVIDADES

1. O comércio transaariano, ou seja, o que cruzava o Saara, contribuiu para a expansão do Islão. Comente a relação existente entre o citado comércio, o islamismo e a escravidão.
2. Elabore um texto pontuando as semelhanças e distinções entre os reinos de Gana, Mali e Gaô. Utilize como referência os aspectos econômicos, religiosos, políticos-administrativos.
3. Faça uma pesquisa sobre a região da Mauritânia e Gana na atualidade, suas religiões, características econômicas, país (países) que colonizou (colonizaram) dentre outros elementos.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Nesta atividade o aluno deverá perceber as diversas características dos reinos, bem como a relação existente entre o comércio transaariano, o islamismo e a escravidão. Por fim, pesquisar e conhecer a região que é chamada de Sudão ocidental na atualidade.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula veremos a escravidão no continente africano e suas características.

AUTOAVALIAÇÃO

Conseguir compreender a relação existente entre o comércio transaariano, a expansão do islamismo e a formação dos estados do Sudão Ocidental e identificar as características dos citados reinos?



REFERÊNCIAS

CISSOKO, S. M. Os Shonghai do século XII ao XVI. In: UNESCO - História Geral da África IV: A África do século XII ao século XVI. São Paulo: Ática. 1988

KI-ZERBO, Joseph. História da África Negra, Volume 1. Portugal: Publicações Europa-América, 1972.

OLIVER, Roland. A experiência africana: da pré-história aos dias atuais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

SILVA, Alberto da Costa. A Enxada e a Lança: a África antes dos portugueses. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1996.

SILVA, Alberto da Costa. A Manilha e o Libambo: A África e a escravidão de 1500 a 1700. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2002.